

O MENINO DA LANCHEIRA AMARELA

A história que hoje é de um menino magrelo, cabelo corte cogumelo (ideia de sua mãe) que amava estudar desde a pré-escola e amava, ainda mais, a sua lancheira amarela. Sim! Ele guarda até hoje recordações de sua lancheira amarela! Não que ela sempre estivesse recheada de guloseimas (as condições de sua família não permitiam isso), mas porque nela sempre tinha o de comer (sempre preparado com carinho por sua mãe).

Filho de pais separados (um acontecimento marcante de traição marcou para sempre o sentido de sua vida (e também de seus irmãos e de sua mãe), sempre buscou na escola e na educação um lugar para mostrar sua “capacidade” e superação. Aliás, a escola e a educação foram, por muitas vezes, e ainda são, seus grandes refúgios para tentar encontrar espaço em uma sociedade tão preconceituosa! Sim! Esse menino de cabelo corte cogumelo sofreu (e ainda sofre) muito preconceito devido à sua orientação sexual. O principal deles, não falado diretamente, mas sentido pelo coração, de seu próprio genitor.

- “Onde foi que eu errei” era uma das frases mais escutadas quando tentava **SER** e **CRESCER** com seus gostos, sua postura e trejeitos “diferentes dos demais”.

E foi à educação que o recebeu. Foi ela que o abraçou! Foi nela que encontrou, em meio à tantas aprendizagens e letramentos sociais e, principalmente, de vida, que seguiu (e ainda segue) sua vida. Foi na educação e através dela que esse menino encontrou uma saída para tentar **SER** não como os demais, mas sim, **IGUAL** aos demais. Foi nela e somente ela que o oportunizou para que pudesse pensar que também poderia ser motivo de orgulho, ser especial. E assim seguiu. Estudou sua vida em escola pública, sempre dividido entre a arte de estudar, ajudar nos afazeres de casa e a cuidar de seu irmão mais novo. A mãe, sempre guerreira, desde cedo saía para o trabalho; afinal, o sustento da casa vinha de seu trabalho árduo trabalho.

E então o menino da lancheira amarela seguiu sua vida. Primeiramente formou-se técnico; depois, entrou na educação superior. Deixou de lado seu curso de engenharia e seguiu seu coração e seus instintos: foi abraçado pelas letras, pelos letramentos e, principalmente, pelo ato de ensinar. Enfim, se encontrou! E foi nesse encontro que, em sua tão sonhada formatura, viu um tio próximo parabenizar àquele que tanto o fez sofrer:

- “É uma alegria muito grande para um pai ver um filho se formando, não é mesmo? Ainda mais sendo o primeiro filho a conseguir isso”.

- “Sim”, concordou ele, meio que sem jeito, gesticulando com a cabeça. Foi naquele momento que o menino da lancheira amarela pode, de fato, sentir-se filho, após receber um abraço singelo de seu pai, dizendo que estava orgulhoso de sua conquista. Foi em sua comemoração de formatura que teve a paternidade reaproximada e a certeza de que estava seguindo o caminho certo.

Desde então o menino segue. Sempre buscando nos estudos a sua força para se mostrar capaz de poder viver e conviver em meio a uma sociedade que julga pelas aparências, e não pela essência. Foi a forma que, lá na infância, “encontrou” de ler à vida e tudo aquilo que ela reserva. E assim ele segue: lendo e relendo à vida e o mundo tal qual são. A cada novo lugar, a cada nova prática, a cada nova comunidade a qual pertence, precisa (por ser quem é e assumir isso) reafirmar perante as demais a sua capacidade de estar lá e ser respeitado por isso.

Para quem deste a infância enfrentou a dor da repressão dentro de seu próprio laço fraternal, enfrentar o preconceito existente no mundo é bobagem.

Saudoso, sente saudade daquele tempo e reflete sobre tudo o que aprendeu sobre a vida desde aquele momento marcante. Saudade sente, também, de sua lancheira amarela (e dos lanches de sua mãe).

FIM!



